

Um roteiro para a

Não se endividar, cortar gastos supérfluos e investir com cuidado são meios de evitar riscos

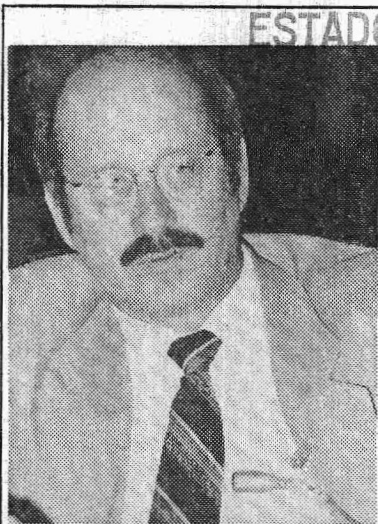
Economistas de todas as tendências divergem sobre detalhes, mas não têm dúvidas de que o País caminha em marcha acelerada para uma recessão profunda, consequência da política de arrocho financeiro estabelecida pelo Plano Collor. Quase todos os indicadores comprovam que a ministra Zélia Cardoso de Mello, da Economia, foi bem-sucedida em sua determinação de esfriar a atividade econômica para fazer a inflação baixar. Como ela não cede, a ministra prometeu, semana passada, continuar com sua política inalterada, "haja o que houver, doa a quem doer".

Em outras palavras, "o governo quer que haja recessão porque imagina que com a recessão se acaba com a inflação", resume o ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira. Ele discorda da receita, assim como Aloizio Mercadante, economista eleito deputado federal pelo PT. Bresser diz que a principal arma para acabar com a inflação seria um acordo social e uma política de rendas, isto é, um ajuste menos traumático entre preços e salários. Mercadante defende a continuidade do não-pagamento da dívida externa como forma de se ter oxigênio para combater a inflação sem travar a atividade produtiva.

Como essa guinada na orientação da política econômica parece improvável, o melhor a fazer é se prevenir contra as consequências previsíveis da recessão. Desemprego e dinheiro escasso são as mais conhecidas. Para evitar o desemprego, receita-se, coletivamente, um pacto social que congele preços e salários em troca da preservação dos postos de trabalho. Individualmente, o que se pode fazer é não entrar em pânico e deixar de consumir até produtos básicos.

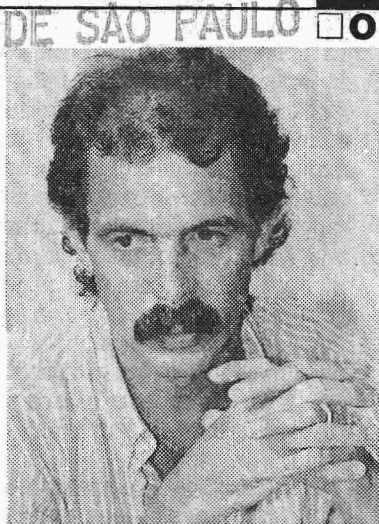
Economizar e poupar são as duas formas mais conhecidas de fazer o dinheiro render mais. "Toda crise é depurativa e ensina lições", lembra José Tiaci Kirsten, professor de econometria da USP e secretário de Administração do governo de São Paulo. Na recessão de 81/83, a classe média de Campinas (SP) aprendeu algumas, segundo ele constatou em pesquisas feitas na época.

As pessoas, entre outras atitudes incomuns, trocaram o cigarro caro pelo barato, substituíram os presentes sofisticados pelos mais modestos e passaram a cobrar eficiência e qualidade dos serviços médicos governamentais (ver texto ao lado). Com recessão ou não, faria bem ao bolso tornar rotineiras essas atitudes.



Juarez Rizzieri

"Estamos iniciando um processo recessivo, o caminho para conter a inflação. Se o governo continuar com uma política de aperto monetário, não devemos chegar à estagflação (inflação com estagnação econômica). O aperto vai baixar as taxas de inflação e então teremos recessão com pouca inflação. As consequências negativas, como o desemprego e o arrocho salarial, deverão ser amenizadas por uma política de rendas. Ainda não há clima para se fazer um acordo nacional. Só quando ela chegar as pessoas vão sentir que ela não é mais uma ameaça, mas um fato."



Aloizio Mercadante

"A recessão está aí. Mais uma vez a tendência é que a dívida externa administre o Brasil. A saída seria deixar os pagamentos da dívida externa suspensos e conseguir recursos cambiais, oxigênio para crescer sem inflação. Os principais problemas hoje são a inflação em um nível elevado, com tendência à aceleração — que será provocada principalmente pela crise do petróleo, desatualização das tarifas públicas e perspectiva de quebra da safra agrícola —, e o desdobramento da renegociação da dívida externa. As consequências de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) devem ser desastrosas."



Bresser Pereira

"Eu não acho que se acaba com a inflação fazendo recessão. A principal arma para acabar com a inflação seria um acordo social e uma política de rendas. O ano que estamos vivendo já é ruim, pois o Plano Collor derrubou a produção em termos reais, em 1990, se a compararmos com os anos anteriores. Já atravessamos a estagflação. A produção está reduzida e a inflação em ascensão. Depois de uma paralisação completa da economia em março, houve uma pequena recuperação, seguida de nova queda. Como consequência, teremos desemprego e falências."

1 Despesas domésticas e pessoais

Velhos hábitos e antigas rotinas, se mudados, podem representar, no final do mês, alguns cruzeiros a mais no bolso. Economia não é, necessariamente, sinônimo de privação, mas sim de racionalização de gastos.

O dinheiro que se gasta em um almoço dominical em restaurante, por exemplo, pode garantir a compra de alimentos suficientes para fazer em casa pelo menos duas refeições equivalentes ou até melhores. Quem não quiser se dar ao trabalho pode, alternativamente, dividir os pratos. Os garçons, certamente, não ficarão chocados. Eis algumas dicas para gastar menos:

- Nunca comprar nenhum produto sem antes verificar os preços em pelo menos três locais. Pesquisas recentes já acusaram diferença de até 100% em preços de eletrodomésticos idênticos vendidos em lojas diferentes. Aproveitar, sempre que possível, as promoções e liquidações.

- Substituir produtos de grifes ou marcas tradicionais por similares de qualidade equivalente, regra que vale especialmente para roupas, sapatos e mesmo alimentos.

- Ir às feiras livres de rua depois das 11 horas, quando os feirantes, para não perder produtos perecíveis, costumam baixar os preços. Seja qual for a hora, deve-se sempre pesquisar preços e pechinchar descontos.

- Não estocar alimentos. Como a inflação, por força da recessão, tende a baixar, pode-se pagar mais caro hoje por um produto que estará mais barato amanhã. O ideal é comprar apenas o necessário para passar a semana.

- Alterar os planos e adiar, temporariamente, a viagem de férias de fim de ano que consumiria o 13º salário e implicaria ainda dívidas a pagar no ano que vem. A praia de Maceió pode ser substituída sem traumas por qualquer praia do Litoral Norte ou Sul. Quem não pretende alterar os planos, deve pesquisar os preços de pacotes turísticos e mesmo substituir passagens de avião por ônibus.

- Não assumir nenhuma espécie de dívida ou financiamento — se conseguir para a casa própria, não hesite — nos próximos meses. A regra é procurar comprar tudo à vista. Usar apenas os cartões de crédito que dão prazo de pagamento de até 40 dias e, mes-

mo assim, apenas depois de verificar se o preço que se vai pagar não embute juro superior ao que se poderia ganhar aplicando-se o dinheiro da compra no mercado financeiro.

- Organizar grupos de compras de alimentos, principalmente frutas e legumes. Uma caixa com 20 quilos de vagem pode ser comprada na Ceagesp de São Paulo por cerca de Cr\$ 500,00. Na feira livre, cobra-se até Cr\$ 100,00 o quilo.

- Substituir as lâmpadas comuns por fluorescentes, que consomem menos energia, ou iluminar corredores e áreas de serviço com lâmpadas de 40 velas, por exemplo. Não deixar acesas — e este é um velho hábito — lâmpadas em cômodos vazios da casa.

- Não escovar os dentes com a torneira aberta. Quando se faz isso, gastam-se em média cinco litros de água, e em São Paulo um litro custa Cr\$ 0,03. A economia, neste caso, pode ser pouca, mas certamente contribuirá para amenizar a falta de água no verão.

- Usar com menor frequência, ou cortar, se for o caso, os serviços de